

Saudação Ao Prof. Carlos Arthur

Colegas, alunos, amigos,
Carlos Arthur,

Fiel e perseverante: foi com estes dois traços que, há 10 anos, em abril de 2005, ao fazer uma saudação ao Prof. Carlos Arthur, em nome do Departamento de Filosofia, eu procurei assinalar sua vida e prática profissionais. Lembro-me então, que, juntei os dois traços, em um só, denominando-o de “fidelidade inovadora”, ou “tenacidade inovadora”, ou “fidelidade sem conservadorismo”, ou ainda “competência sem alarde”.

É este mesmo traço que agora retomo para mostrá-lo, mais uma vez, marcante e forte, na forma de presença com que o Carlos Arthur construiu e vem construindo a história do Departamento de Filosofia, e de modo geral, a história da PUC/SP.

Quando, no final dos anos 60 e início dos 70, o Departamento de Filosofia foi criado e o curso de filosofia da PUC/SP foi como que refundado, Carlos Arthur estava ali, ativo, um dos cofundadores. Quando, ao longo de sua história, o Departamento e o curso sofreram ameaças de deturpação ou de extinção, Carlos Arthur estava lá, resistindo. Quando foi criado o Programa de Pós-Graduação em Filosofia, lá estava Carlos Arthur, um dos pilares.

Hoje, porém, ao retomar este traço, quero acrescentar-lhe outro, com o qual se cruza e do qual é indissociável. Se a vida e a prática profis-

sionais deste “professor, pesquisador e formador de pesquisadores” se assenta no chão sólido da capacidade de inovação e na força da tenacidade, esta vida e esta prática são também irrigadas pela fluidez de sua enorme e terna generosidade. Generosidade e ternura, qualidades pessoais, habitualmente não são tidas como imprescindíveis à competência profissional. Não, entretanto, no caso do Prof. Carlos Arthur em quem inovação e tenacidade, generosidade e ternura são inseparáveis.

Em um pequeno livro escrito em francês e caligrafado em árabe, encontrei um poema que diz bem melhor o que até agora tentei descrever:

”A ternura, qual uma planta viva
Tem necessidades modestas mas vitais
Necessidade de tempo para se dar sem contar
Necessidade de liberdade para se exprimir sem reticência
Necessidade de presença para dizer-se diretamente
Necessidade de abertura naquele que a pode receber”

(Jacques SALOMÉ, *Inventer la tendresse*, calligraphies de Salah Moussawy, Paris, Éd. Bachari, 2005, p. 24).

Carlos Arthur, como símbolo da gratidão do Departamento de Filosofia, ofereço-lhe uma planta viva e peço-lhe a singela abertura de as receber: a planta e a gratidão.

São Paulo, abril/2015

Salma Tannus Muchail*

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, São Paulo, Brasil. salma@pucsp.br